

# DIA INTERNACIONAL DA MULHER

## 08 DE MARÇO 2016

### A participação feminina e o setor metalúrgico: uma estatística da desigualdade

*Como em todos os anos no Dia Internacional da Mulher, este estudo é preparado sempre como se fosse a primeira vez, mas ainda surge a necessidade de sempre repeti-lo e atualizá-lo. O objetivo é mostrar, registrar e levar ao debate que, além das diferenças expressas nos números, os dados revelam que há reivindicações econômicas importantes, mas principalmente sociais a serem travadas no ramo, como a luta contínua por igualdade no mercado de trabalho, a busca por oportunidades e direitos iguais para as mulheres, além da luta contra a violência e o assédio.*

#### Introdução<sup>1</sup>

A participação da mulher na atividade econômica cresceu nos últimos anos num contexto de relativa melhora do mercado de trabalho. Esta recuperação favoreceu a continuidade do aumento da participação feminina, bem como ajudou na consolidação de sua presença mais plena na atividade econômica, o que se manifesta na aproximação dos perfis das participações masculina e feminina no mercado de trabalho.

Ainda que o nível de ocupação tenha caído em 2015, as mulheres ampliaram a sua participação no emprego assalariado. Mas, mesmo assim, em relação aos homens ainda persiste o quadro de menor participação feminina no mercado formal de trabalho.

Segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), a taxa de desemprego total aumentou para ambos os sexos em todas as regiões pesquisadas. Todavia, o acréscimo na taxa de desemprego das mulheres ocorreu em intensidade bastante inferior que a dos homens. Embora tenha ocorrido uma aproximação da taxa de desemprego entre mulheres e homens nos últimos anos e, considerando os efeitos menos perversos da desaceleração econômica entre as mulheres se comparado à dos homens em 2015, ainda persistem as diferenças entre os índices de desemprego feminino e masculino. As mulheres continuam a

---

<sup>1</sup> Trecho retirado do Sistema PED. Pesquisa completa disponível em:  
<http://www.dieese.org.br/analiseped/2016/2015pedmulhersintmet.pdf>

apresentar taxa mais elevada, ainda que elas exerçam uma menor pressão sobre o mercado de trabalho.

O exame da jornada de trabalho é fundamental para identificar o peso que as responsabilidades familiares têm para as mulheres. Isso fica explícito na maior presença das mulheres em atividades de tempo parcial e na sua inserção em determinados tipos de postos de trabalho e setor de atividade. Para os homens, em média, a jornada de trabalho é bem mais extensa do que a das mulheres, em todas as regiões pesquisadas. Esse dado revela que os cuidados com a família e o lar, atribuições histórica e socialmente reservadas às mulheres, refletem na sua menor disponibilidade para exercer jornada integral de trabalho. As limitações impostas pelas responsabilidades familiares limitam a inserção e dedicação das mulheres às atividades produtivas no mercado de trabalho, interferindo nas possibilidades de investimento e crescimento profissional.

As diferenças de renda entre os sexos permanecem muito grandes, dado que elas continuam segregadas em ocupações de menor renda. Essa situação se mantém, ainda que em anos anteriores a 2015 tenham ocorrido constantes ganhos de rendimentos para as mulheres, inclusive em proporções superiores às variações observadas entre os homens. Em 2015, o decréscimo no rendimento médio real das mulheres ocupadas foi menor que o dos homens. As mulheres auferem menores remunerações em todas as posições ocupacionais, tanto no emprego formal como no trabalho autônomo. Uma medida da desigualdade de rendimento mais apropriada para efeito de comparação é o rendimento médio real por hora trabalhada, pois esse indicador permite eliminar as distorções ocasionadas pelas diferentes jornadas de trabalho de homens e mulheres.

### **Trabalhadoras Metalúrgicas - Brasil**

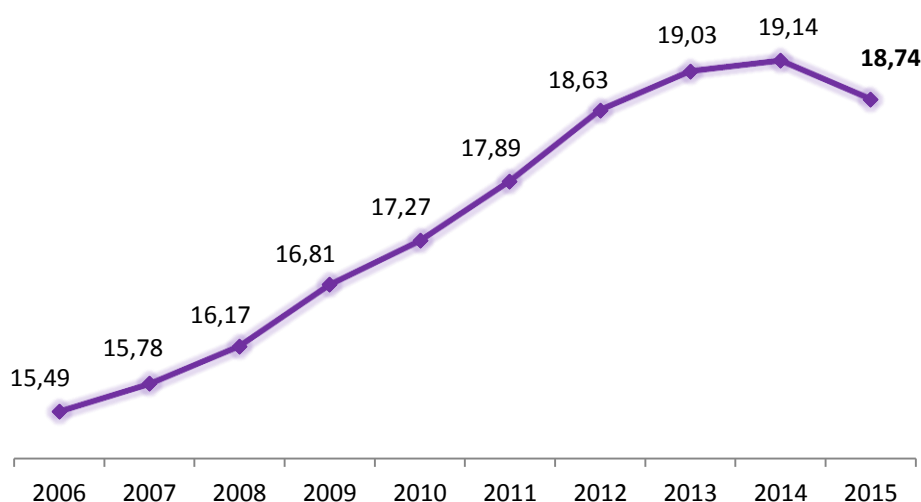
O ramo metalúrgico é uma atividade econômica predominantemente de mão de obra masculina. Em dezembro 2015, de um total de 2.057.76 trabalhadores/as, apenas 385.532 eram mulheres, segundo os dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). As desigualdades entre os sexos não ocorrem apenas na distribuição dos postos de trabalho. As outras diferenças marcantes do mercado de trabalho nacional, mencionadas anteriormente, também se reproduzem no ramo metalúrgico como, por exemplo, a grande distância na remuneração média das mulheres em relação à dos homens.

Contudo, tanto elas como eles sentiram as consequências do desaquecimento econômico iniciado em 2014 e intensificado em 2015. Os índices de demissão foram maiores

entre os homens. No entanto, eles também foram mais recontratados no ramo, ou seja, sofreram uma maior rotatividade. Uma hipótese para isso seriam os salários mais elevados dos homens. Já entre as trabalhadoras, a hipótese para esse menor desligamento seriam os salários mais baixos. No entanto, elas foram menos recontratadas; ou seja, os postos que elas ocupavam foram eliminados (não houve reposição ou rotatividade) e tudo indica que esses postos são no segmento eletroeletrônico.

As trabalhadoras metalúrgicas representam 18,7% do total da categoria no Brasil. Observa-se que **o ano de 2015 apresentou a primeira queda da participação de mulheres no ramo em 10 anos** (GRÁFICO 1).

**GRÁFICO 1**  
**Evolução da participação da mulher metalúrgica**  
**Brasil, 2006-2015 (em%)**



Fonte: RAIS 2006-2014 / Caged, 2015 - MTE  
Elaboração: DIEESE - Subseção CNM/CUT e FEM/CUT-SP

No ramo metalúrgico, ao se levar em conta apenas o total de trabalhadoras, a indústria Eletroeletrônica é o segmento que mais concentra mulheres e mais emprega no ramo (32,1%). Esse segmento é caracterizado pelos baixos salários e no qual há maior incidência de movimento repetitivos. Na outra ponta, há o segmento Aeroespacial – que melhor remunera e com baixa rotatividade – que emprega apenas 1,4% de todas as metalúrgicas. Já em relação ao total da categoria (homens e mulheres), a maior participação delas também se encontra no segmento Eletroeletrônico (34,2%). Isso significa que de cada 100

trabalhadores desse segmento, cerca de 34 são mulheres. No outro extremo está o segmento naval, onde apenas 8,8% são mulheres (TABELA 1).

**TABELA 1**  
**Participação\* e concentração\*\* segundo sexo por segmento**  
**Brasil, 2015**

Segmento	Mulher		Homem		Total	
	Conc.	Part.	Conc.	Part.	Conc.	Part.
Aeroespacial e Defesa	1,44%	16,56%	1,67%	83,44%	1,63%	100%
Automotivo	19,69%	17,92%	20,79%	82,08%	20,59%	100%
Bens de Capital Mecânico	19,07%	14,37%	26,20%	85,63%	24,87%	100%
Eletroeletrônico	32,15%	34,19%	14,26%	65,81%	17,61%	100%
Naval	1,26%	8,83%	3,01%	91,17%	2,68%	100%
Outros materiais transportes	1,54%	17,43%	1,68%	82,57%	1,65%	100%
Sider. e metalurgia básica	24,85%	15,03%	32,38%	84,97%	30,97%	100%
<b>Ramo Metalúrgico</b>	<b>100%</b>	<b>18,74%</b>	<b>100%</b>	<b>81,26%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Fonte: Rais,2014 / Caged,2015 - MTE

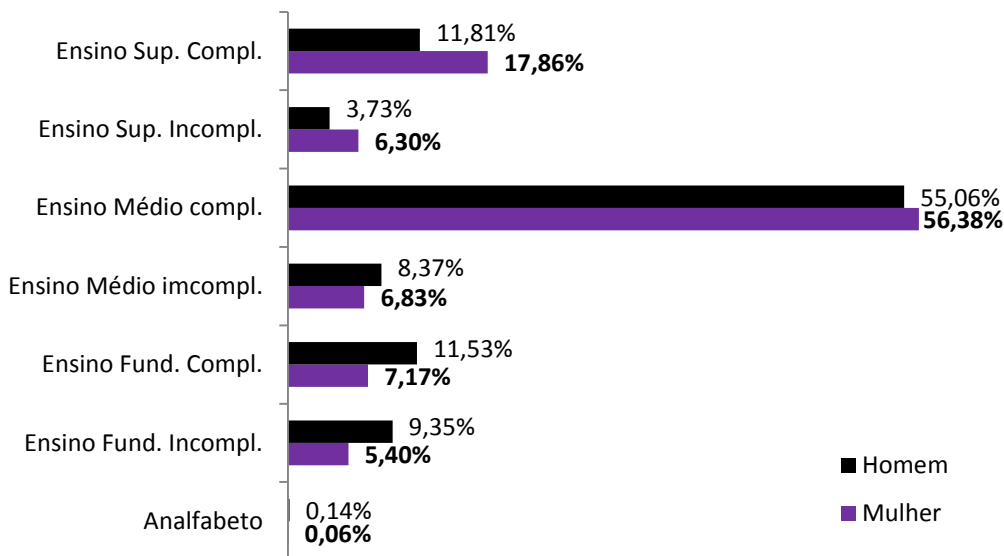
Elaboração: DIEESE - Subseção CNM/CUT e FEM/CUT-SP

\* Participação – considera o total da categoria, somando homens e mulheres

\*\* Concentração – leva em conta apenas o número total de mulheres na categoria

Ao olharmos para o nível de escolaridade, notamos que elas vêm estudando mais do que eles e que as mulheres têm menor participação nos níveis mais baixos de escolaridade que os homens (até Ensino Médio Incompleto) e maior presença nos níveis mais altos de escolaridade que eles (a partir do Ensino Médio Completo). Porém, o maior nível de escolaridade não tem garantido às trabalhadoras a inserção paritária no ramo, como visto anteriormente, e nem a equidade salarial, como veremos a seguir.

**GRÁFICO 2**  
**Escolaridade por sexo (em %)**  
**Brasil, 2014**



Fonte: Rais, 2014

Elaboração: DIEESE - Subseção CNM/CUT e FEM/CUT-SP

Na média, **a trabalhadora metalúrgica recebe 27,3% a menos** que o homem no ramo metalúrgico. **Em 2006, esse índice era de 28,2%**. A maior diferença entre as remunerações encontra-se no segmento Eletroeletrônico, no qual o salário da mulher é em média 36,9% menor que o do homem. Vale lembrar que este é o segmento com maior presença feminina e com características alarmantes: alto índice de rotatividade, baixa remuneração, presença de tarefas repetitivas, baixo valor agregado nos produtos, entre outras. O segmento automotivo<sup>2</sup>, apesar do trabalho com maior valor agregado, aparece com a segunda maior diferença salarial entre mulheres e homens, com elas recebendo 29,8% menos (TABELA 2).

<sup>2</sup> O subsegmento de autopeças puxa essa média do segmento para baixo, para mais informações consultar: <http://www.cnmcut.org.br/midias/arquivo/223-as-faces-da-industria-metalurgica-no-brasil.pdf>

**TABELA 2**  
**Remuneração Média segundo sexo e segmento**  
**Brasil, 2014**

Segmento	Mulher	Homem	Diferença salarial
Aeroespacial e Defesa	R\$ 4.737,99	R\$ 6.249,29	-24,18%
Automotivo	R\$ 2.747,99	R\$ 3.924,24	-29,97%
Bens de Capital Mecânico	R\$ 2.484,08	R\$ 3.137,62	-20,83%
Eletroeletrônico	R\$ 2.049,22	R\$ 3.250,36	-36,95%
Naval	R\$ 3.270,31	R\$ 3.647,20	-10,33%
Outros materiais transportes	R\$ 2.386,39	R\$ 3.332,33	-28,39%
Sider. e metalurgia básica	R\$ 2.132,58	R\$ 2.613,03	-18,39%
<b>Ramo Metalúrgico</b>	<b>R\$ 2.341,98</b>	<b>R\$ 3.220,60</b>	<b>-27,28%</b>

Fonte: Rais,2014

Elaboração: DIEESE - Subseção CNM/CUT e FEM/CUT-SP

Muitas vezes, as mulheres estão inseridas no mercado de trabalho em atividades com jornadas reduzidas devido à dupla jornada, mas esta não é uma realidade do ramo metalúrgico: 89,3% delas trabalham de 41 a 44 horas semanais. Mesmo se compararmos os salários levando em consideração a jornada de trabalho, verificamos que as trabalhadoras metalúrgicas continuam recebendo menos, ou seja, a hora de trabalho delas vale menos que a deles (TABELA 3).

**TABELA 3**  
**Remuneração Média segundo sexo e jornada de trabalho**  
**Brasil, 2014**

Jornada <sup>3</sup>	Mulheres		Homens		Diferença Salarial
	Part.	Rem. Méd.	Part.	Rem. Méd.	
31 a 40 h.	15,60%	R\$ 3.879,90	84,40%	R\$ 4.997,86	-22,37%
41 a 44 h.	19,23%	R\$ 2.252,22	80,77%	R\$ 3.047,32	-26,09%

Fonte: Rais,2014

Elaboração: DIEESE - Subseção CNM/CUT e FEM/CUT-SP

<sup>3</sup> 88,7% dos metalúrgicos trabalham de 41 a 44 horas semanais. 9,3% trabalham 31 a 40 horas semanais.

Assim como todo o ramo metalúrgico, a concentração do trabalho feminino está no eixo sul-sudeste: 85,19% das metalúrgicas estão nessas regiões (TABELA 4). No recorte por estado, a maior presença de mulheres está em SP (42,9%), RS (10,9%), MG (10,2%), SC (8,6%), PR (7,6%) e AM (7,2%). Vale destacar que estes mesmos estados são responsáveis por 88% do emprego na indústria eletroeletrônica. E como pode ser observado ainda na TABELA 4, existe uma diferença salarial geográfica: a metalúrgica no Centro-Oeste chega a receber 31,7% menos que a média nacional de remuneração das trabalhadoras.

**TABELA 4**  
**Participação e remuneração média das metalúrgicas por região**  
**Brasil, 2014**

Região	Part.	Rem. Med.
Centro Oeste	1,99%	R\$ 1.599,93
Nordeste	5,09%	R\$ 1.876,91
Norte	7,73%	R\$ 1.787,15
Sudeste	58,08%	R\$ 2.619,12
Sul	27,11%	R\$ 2.048,17
<b>BRASIL</b>	<b>100%</b>	<b>R\$ 2.341,98</b>

Fonte: Rais, 2014

Elaboração: DIEESE - Subseção CNM/CUT e FEM/CUT-SP

Ao cruzarmos os dados do emprego metalúrgico segundo sexo, raça e idade<sup>4</sup> fica evidente que as desigualdades no mundo do trabalho se somam e potencializam as diferenças salariais. Na Tabela 5, foi tomada como referência a remuneração média do trabalhador do ramo metalúrgico brasileiro (sem distinção dos critérios selecionados para essa análise) que está representado pelos 100,0%. Nota-se que um homem não negro com mais de 35 anos de idade recebe 46,6% a mais que a média nacional de remuneração. Já no outro extremo, uma mulher jovem negra recebe apenas 55,5%, ou 51,0% da remuneração média do ramo.

<sup>4</sup> Para esta tabela foi usado o recorte de juventude adotado pela CUT, onde são considerados jovens trabalhadores/as até 35 anos de idade.

**TABELA 5**  
**Remuneração média do/a metalúrgico/a segundo critérios selecionados**  
**Brasil, 2014**

Remuneração média do metalúrgico	100%
Homem não negro com mais de 35 anos	146,56%
Homem não negro	117,06%
Jovem não negro	88,52%
Mulher não negra	84,59%
Homem negro	83,80%
Mulher jovem	69,21%
Jovem negro	67,75%
Mulher negra	59,12%
Mulher jovem negra	55,51%

Fonte: Rais, 2014  
 Elaboração: DIEESE - Subseção CNM/CUT e FEM/CUT-SP

### Trabalhadoras Metalúrgicas – CNM/CUT

Na base da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT (CNM/CUT), a participação das mulheres teve queda em relação ao ano passado. No entanto, sua presença no ramo é um pouco maior: as metalúrgicas representam 19,0% do total de trabalhadores metalúrgicos da CUT no Brasil. Seguindo a mesma tendência nacional, elas têm maior concentração (42,0%) e participação (37,9%) no segmento eletroeletrônico, reflexo da base cutista em importantes polos do segmento, como os estados de São Paulo e do Amazonas.

Assim como no Brasil, as mulheres metalúrgicas da base da CNM/CUT têm estudado mais: 17,0% mulheres já possuem graduação no ensino superior, frente a 11,3% dos homens. Porém, apesar de uma inserção um pouco superior que a nacional e como mais ano de estudo, as metalúrgicas da base da CNM/CUT, em média, recebem 30,5% menos que os metalúrgicos (no ano anterior, essa diferença era de 31,7%). E essa diferença é 3,2% maior que a diferença nacional. A maior diferença também é encontrada no setor



eletroeletrônico, chegando em média a 37,6% (no ano anterior, essa diferença era de 37,3%).

### Trabalhadoras Metalúrgicas – FEM/CUT-SP

Na base da Federação Estadual dos Metalúrgicos de São Paulo da CUT, a participação feminina também apresentou queda, quando comparada com a do ano anterior. E a participação continua inferior à nacional: em 2015, na base da FEM/CUT-SP, a taxa registrou 17,4% (no ano anterior, foi de 17,5%). Seguindo a mesma tendência nacional, elas têm maior concentração (43,1%) e participação (22,0%) no Grupo 2 (Eletroeletrônico e Máquinas e Equipamentos). O Sindicato de Itu e Região é o que tem maior participação feminina na base da FEM/CUT-SP: elas representam 26,6% e quase 50% delas estão no segmento eletroeletrônico.

**TABELA 6**  
**Participação das metalúrgicas por sindicato**  
**FEM/CUT-SP, 2014 e 2015**

<b>SINDICATOS</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>
STIM de Araraquara	11,3%	12,5%
STIM de Bauru	14,6%	15,2%
STIM de Cajamar	20,1%	20,7%
STIM de Gavião Peixoto	8,8%	9,2%
STIM de Itaquaquecetuba	18,7%	19,0%
STIM de Itu	27,2%	26,6%
STIM de Matão	7,7%	8,3%
STIM de Monte Alto	14,3%	14,5%
STIM de Pindamonhangaba	8,4%	9,0%
STIM de Salto	25,0%	25,1%
STIM de São Carlos	16,0%	16,3%
STIM de Sorocaba	21,2%	20,8%
STIM de Taubaté	18,0%	16,2%
STIM do ABC	15,4%	15,4%
<b>Total Geral</b>	<b>17,5%</b>	<b>17,4%</b>

Fonte: Rais, 2014

Elaboração: DIEESE - Subseção CNM/CUT e FEM/CUT-SP

Assim como no Brasil, as mulheres metalúrgicas da base da FEM/CUT-SP têm estudado mais: 24,7% das mulheres já possuem graduação no ensino superior (taxa bem maior que a média nacional, de 17,9%), frente a 15,7% dos homens. Porém, apesar de uma inserção um pouco superior que a nacional e como mais tempo de estudo, as metalúrgicas da base da FEM/CUT-SP, em média recebem 30,5% a menos que os metalúrgicos. No ano

anterior, essa diferença era de 30,0%, sendo 3,2% maior que a diferença nacional. A maior diferença também é encontrada no Grupo 2, chegando na média a 32,6% (no ano anterior essa diferença era de 32,9%).

**TABELA 7**  
**Diferença salarial entre homens e mulheres**  
**FEM/CUT-SP, 2013 e 2014**

Grupos de negociação	2013	2014
Aeroespacial	-24,2%	-22,7%
Estamparia	-19,3%	-25,1%
Fundição	-24,6%	-27,7%
Grupo 10	-26,6%	-25,8%
Grupo 2	-33,1%	-32,6%
Grupo 3	-23,7%	-23,2%
Grupo 8	-23,5%	-23,4%
Montadoras	2,3%	1,2%
<b>Total Geral</b>	<b>-30,0%</b>	<b>-30,5%</b>

Fonte: Rais, 2014

Elaboração: DIEESE - Subseção CNM/CUT e FEM/CUT-SP

## Conclusão

Embora com recuo em 2015, a participação das trabalhadoras no ramo metalúrgico cresceu desde 2006, embora em um ritmo lento. Além disso, a maior escolaridade delas não tem garantido inserção e remuneração igualitária em comparação aos homens. Elas ainda estão em menor número na categoria, recebendo menos e em postos mais precarizados.

Ao cruzarmos algumas características, fica evidente que as desigualdades no mercado de trabalho metalúrgico se somam. Uma mulher jovem negra trabalhadora do segmento eletroeletrônico na região Nordeste, por exemplo, certamente irá receber bem menos que um homem não negro com mais de 35 anos que trabalhe em uma montadora no ABC paulista.

Apesar das diferenças cabe ressaltar que muitos avanços foram conquistados pelas mulheres dentro dessa atividade predominantemente masculina. É o caso das convenções coletivas de trabalho negociadas pela FEM/CUT-SP, pelas quais as mulheres conquistaram a licença maternidade de 180 dias. Porém, todos e todas sabemos que ainda há espaço para avançar.

“A participação da mulher tem-se ampliado no mercado de trabalho junto ao aumento das oportunidades de emprego e às melhoras nas formas de inserção”<sup>5</sup>. Mas ainda há um longo caminho a se percorrer e a luta por igualdade entre mulheres e homens no mundo do trabalho continua.

Elaboração: Cristiane Ganaka e Caroline Gonçalves  
Subseção DIEESE CNM/CUT e FEM/CUT-SP

---

<sup>5</sup> DIEESE, As mulheres nos mercados de trabalho metropolitanos. Link para o estudo completo na referência 1.